



# A experiência de satisfação: crisol\* do psiquismo

*Paul Denis\*\**, Paris

*A experiência de satisfação aparece em Freud desde o Projeto para uma psicologia científica. Freud introduz aí a ideia de que essa experiência combina dois tipos de imagem que podem constituir o núcleo do eu. O autor articula essas primeiras proposições freudianas com a teoria por ele sugerida segundo a qual a pulsão – com a representação que lhe é conexas – é constituída pela combinação de dois formantes libidinais, em dominação e em satisfação, no próprio cerne da experiência de satisfação.*

*Descritores: Descarga. Dominação. Investimento. Objeto. Prazer. Pulsão. Representação. Zonas erógenas.*

---

\* N.R.: o termo “creuset”, usado por Paul Denis no título de seu trabalho, se traduz em português por cadinho ou crisol e designa, segundo o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda, o “vaso metálico ou de material refratário, utilizado em operações químicas a temperaturas elevadas”. Em experiências alquímicas é o recipiente em que se manipulam metais menos nobres, cobre ou bronze, por exemplo, para se obter sua transubstanciação em ouro.

\*\* Psicanalista Membro Titular da Sociedade Psicanalítica de Paris.



*Ô douceur de survivre à la force du jour,  
Quand elle se retire enfin rose d'amour,  
Encore un peu brûlante, et lasse, mais comblée,  
Et de tant de trésors tendrement accablée  
Par de tels souvenirs qu'ils empourprent sa mort,  
Et qu'ils la font heureuse agenouiller dans l'or,  
Puis s'étendre, se fondre, et perdre sa vendange,  
Et s'éteindre en un songe en qui le soir se change.  
Quelle perte en soi-même offre un si calme lieu!<sup>1</sup>*

Paul Valéry, Fragments du Narcisse

A noção de *experiência de satisfação* ocupa um lugar central no pensamento de Freud. Ela já está presente no *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e encontra-se, indiretamente, na noção de *alucinação da satisfação* e na questão da satisfação pulsional. Entretanto, pouquíssimos artigos lhe são dedicados. Dentre os dicionários, somente o de Alain de Mijolla (2002) dedica um artigo, assinado por Bernard Golse, à *experiência de satisfação*. O *Vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1976) aborda essa noção somente dentro do verbete *desejo*, mas os autores destacam o seu caráter central na formação do pensamento. O *dictionnaire freudien* de Claude Le Guen, Dominique Bourdin e Pierre Chauvel (2008) também não reserva ao tema um artigo específico e aborda a questão igualmente a partir da noção de desejo. No *Dicionário do pensamento kleiniano* de Hinshelwood (2000), a noção de satisfação não aparece nem num verbete específico, nem nos verbetes *libido* e *instinto*, e o autor observa que Melanie Klein abandonou o ponto de vista econômico e substituiu o princípio de prazer pela identificação projetiva. No entanto, a busca da satisfação em todos os domínios, seja no registro sexual ou narcísico, está onipresente em todo tratamento psicanalítico.

A particularidade das zonas erógenas é o seu poder de dar origem a uma experiência de prazer intenso, orgástico, se elas encontrarem o objeto adequado e

---

<sup>1</sup> N.T.: Ô prazer de sobreviver à força do dia,/ Quando, por fim, se retira rosa de amor,/ Ainda um pouco ardente, e lasso, mas pleno,/ E por tantos tesouros ternamente esmagados,/ Por tantas lembranças que purpuream sua morte,/ E que, feliz, o fazem ajoelhar no ouro,/ E depois estender-se, fundir-se e perder seu tempo de vingança,/ E extinguir-se num sonho em que a noite se transforma./ Que perda em si mesmo proporciona um lugar tão calmo!



se for exercido sobre ele uma atividade motora correspondente que as estimule. Esse encontro, essa descoberta e essa atividade conduzem à *experiência de satisfação* evocada por Freud e que, em nossa opinião, desempenha um papel essencial. O seu próprio surgimento implica não somente o jogo das zonas erógenas, mas também uma atividade que é exercida sobre alguém no mundo externo. Ela nasce na interface entre o mundo externo e o mundo interno.

## Origem da satisfação

É no *Projeto para uma psicologia científica* que Freud (1895) fala da satisfação pela primeira vez e faz dela um elemento essencial. Sob os termos de *prova de satisfação* ou de *experiência vivida de satisfação* (Laplanche; Pontalis, 1976), conforme a tradução, Freud expõe sua hipótese econômica: a excitação endógena ao psiquismo só pode ser descarregada por uma *ação específica* que, no início, a criança é incapaz de exercer. É a intervenção de uma pessoa atenta ao estado do sujeito que gera essa *ação específica*, a partir da qual a criança, que até então se encontrava em estado de desamparo, vai poder realizar, graças a *dispositivos reflexos*, as modificações internas em seu organismo que levarão à eliminação do estímulo endógeno. Tudo isso constitui, então, *uma experiência de satisfação* que tem as consequências mais determinantes para o desenvolvimento funcional da pessoa. Para Freud (1895), as consequências são as seguintes: a) há uma descarga duradoura da sobrecarga de excitação que havia gerado o desprazer; b) organiza-se um investimento que corresponde à percepção de um objeto (a pessoa atenta que permitiu a ação específica); c) é gerada uma imagem, um traço do movimento de descarga. Freud acrescenta que, em razão da experiência vivida de satisfação, ocorre uma facilitação entre [essas] duas imagens mnésicas [...]. Ele faz dessa facilitação, dessa associação, o núcleo do *eu*.

Se traduzirmos a linguagem do *Projeto para uma psicologia científica* (1895) nos termos empregados por Freud posteriormente, podemos considerar que ele descreve a gênese da representação pela combinação de dois elementos: a construção de uma imagem do objeto pelo qual a satisfação pôde ser obtida e o traço do movimento de descarga. É a associação dos dois elementos que constitui a representação. O surgimento do movimento pulsional é anunciado por Freud quando ele fala do primeiro núcleo do eu afirmando que a experiência de satisfação produz a associação desse núcleo com uma percepção (imagem do desejo) e o anúncio de um movimento (elemento reflexo da ação específica). Se fizermos uma nova tradução numa linguagem posterior, chegamos à seguinte formulação:



a associação da *imagem do desejo* com a promessa da descarga constitui uma representação pulsional.

## Dominação e satisfação

Temos a impressão de seguir essa linha de pensamento apontada por Freud quando propomos considerar que a pulsão pode ser decomposta em duas correntes de investimento libidinal, em dois *formantes*<sup>2</sup> (Denis, 1997). Uma corrente libidinal orientada para o mundo externo, em busca do objeto necessário ao aporte da *ação específica* – a corrente de dominação – e outro fluxo libidinal que, depois de ter investido as zonas erógenas em questão e a própria satisfação, investirá o traço da satisfação, da vivência corporal que desencadeou a tensão de excitação endógena, a corrente de investimento em *satisfação*. Também seguimos Freud passo a passo quando consideramos que a experiência de satisfação é o crisol da constituição da pulsão, criando uma combinação particular entre duas correntes de investimentos complementares, e que essa experiência constitui ao mesmo tempo um objeto interno, uma representação, a imagem viva que se revigora quando aumenta novamente a excitação libidinal. A pulsão e a representação são absolutamente conexas em sua produção ou, se preferirmos, a pulsão e a representação são dois aspectos de um mesmo fenômeno: a emergência do eu e da vida psíquica propriamente dita.

É interessante constatar que acabou por se formar uma oposição entre as teorias psicanalíticas que se concentraram essencialmente num dos dois polos do funcionamento pulsional, tal como Freud indicou: o objeto e o prazer. O modelo da *pulsão-defesa* baseia-se supostamente nas dificuldades da busca do prazer, enquanto o modelo da relação de objeto, por sua vez, se apoia no *object seeking*, na necessidade de objeto descrita por Fairbairn como fundamental. O mérito do esquema proposto por Freud no *Projeto* – e, posteriormente, em seu modelo da pulsão em que o objeto ocupa um lugar incontestável – é o fato de mostrar que um não é nada sem o outro. A pulsão implica o objeto. Freud certamente faz do objeto o elemento mais contingente da pulsão, mas o torna necessário à obtenção da meta: a descarga, ou seja, o prazer. Um dos interesses dessas primeiras formulações freudianas é a introdução de uma dualidade construtiva no

---

<sup>2</sup> N.T. : O autor empregou o termo *formant* em francês. Tal termo pertence ao vocabulário da linguística, da gramática gerativa, designando um elemento mínimo significativo. Optamos pelo termo *formante* em português, uma vez que ele tem o mesmo emprego em nossa língua, conforme o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa – 1.0.5a



funcionamento psíquico. Quando Freud (1905) propõe, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, uma primeira oposição entre uma *pulsão de dominação* – em que o *aparelho de dominação*, feito da musculatura e dos órgãos dos sentidos, tem o papel de trama corporal – e as *pulsões sexuais*, organizadas em torno das zonas erógenas, ele se situa no prolongamento das ideias esboçadas dez anos antes.

Freud abandonou a ideia da *pulsão de dominação* provavelmente por medo de sacrificá-la à vontade de potência, com a qual Adler ameaçava a psicanálise, e talvez também para evitar a acusação de pansexualismo, na medida em que a pulsão de dominação quase não podia fugir de uma definição libidinal. A autoconservação a substituiu temporariamente como elemento dialético. No entanto, a noção de dominação sobreviveu no pensamento freudiano.

## A construção da satisfação

A experiência de satisfação é, pois, o resultado de uma combinação de fatores internos e externos, não somente na medida em que implica a intervenção de um *objeto*, de uma pessoa, outra e *atenta*, mas também porque requer uma atividade particular do sujeito, tanto motora – que consideramos pertencer ao registro da dominação – quanto *reflexa*, apanágio das zonas erógenas propriamente ditas. A satisfação comporta uma parte intencional e uma parte automática que é desencadeada pela atividade dos dois protagonistas. Essa parte automática ou reflexa indica justamente o caráter passivo da experiência de satisfação realizada, enquanto os meios de sua realização exigem uma atividade: a atividade pulsional. Nesse sentido, toda pulsão é atividade que visa a uma meta essencialmente passiva: a satisfação.

Da complexidade da sua realização decorre o fato de que as condições da satisfação nunca podem estar totalmente reunidas e esta é sempre relativa. Relativa ao nível de excitação do psiquismo, relativa ao grau de diminuição da tensão obtido pelo que Freud designou como *descarga*<sup>3</sup>. A introdução por Freud da noção de prazer corresponde a esse caráter relativo da satisfação, pois o prazer possui níveis que a satisfação gostaria de ignorar. Com o desenvolvimento da teoria da libido, tornou-se possível definir o prazer pela redução do nível da excitação libidinal. Nesse sentido, toda e qualquer redução da pressão constante da libido é

<sup>3</sup> A palavra foi preciosamente traduzida por Laplanche como *éconduction* [rejeição, evacuação], ao passo que o termo alemão designa também os aterros sanitários... (N.T.: Como em alemão, a palavra *décharge*, em francês, designa descarga e também aterro sanitário.)



sentida como um prazer, embora seja muito relativo. Assim, todo investimento da libido, mesmo que não conduza a uma experiência de satisfação no sentido pleno do termo, tem um valor hedônico na medida em que faz diminuir o nível da libido não ligada. O adágio segundo o qual, para que uma coisa se torne interessante, basta observá-la longamente ilustra esse poder de qualquer investimento. Todo investimento *em dominação* pode então proporcionar certo prazer ou mesmo um prazer certo. Em primeiro lugar, todo investimento em dominação se dirige a objetos ligados mais ou menos diretamente a uma promessa de satisfação, mas, mesmo nos casos em que essa dominação seja desprovida de qualquer promessa, o investimento que ela possibilita proporciona o *efeito de prazer* de uma redução da excitação livre.

A experiência de satisfação implica algo mais, não somente a entrada em cena do registro das zonas erógenas, mas também uma espécie de plenitude que só pode ser obtida pela conjunção dos fatores que a geraram, por uma forma de realização do eu. Em seu artigo intitulado *De la satisfaction, du bonheur et de l'extase*, Helen Deutsch (2010) mostra bem como a exaltação, sentimento de extensão do eu, acompanha a experiência de satisfação. No entanto, Freud diz:

Por mais estranho que pareça, creio que deveríamos conceber a possibilidade de que algo na própria natureza da pulsão sexual seja desfavorável à realização da satisfação plena. Da longa e difícil história do desenvolvimento da pulsão destacam-se, de saída, dois fatores que poderiam ser considerados responsáveis por tamanha dificuldade. Primeiramente, devido à instauração em dois tempos da escolha de objeto, com a intervenção, entre esses dois tempos, da barreira contra o incesto, o objeto final da pulsão sexual não é mais o objeto originário, mas apenas seu substituto. Ora, a psicanálise nos ensinou que, quando o objeto originário de uma moção de desejo se perde em decorrência de um recalque, ele é seguidamente representado por uma série infinita de objetos substitutivos, dos quais nenhum satisfaz plenamente. Isso nos explicaria a inconstância na escolha de objeto e a *fome de excitação* que caracterizam com tanta frequência a vida amorosa dos adultos (Freud, 1912, p. 64).

Podemos observar que, para Freud, o desenvolvimento da pulsão – das pulsões – é uma *longa e difícil história* e que a pulsão não é absolutamente um fenômeno inato ou biológico.



## A representação, herdeira da experiência de satisfação

Nosso modo de ver a constituição da pulsão e, por conseguinte, a formação das representações associa, portanto, dois registros: o da dominação e o da satisfação. O objeto é investido ao mesmo tempo em dominação – como *objeto de dominação* – e em satisfação – como *objeto de satisfação*. Quando aumenta a excitação libidinal no psiquismo, é o aparelho de dominação que se encarrega dela e canaliza o investimento para o mundo externo, em busca do objeto adequado. O olhar, a audição, a motricidade, o olfato são solicitados para encontrar esse objeto, atraí-lo, apropriar-se dele. Quando o objeto é capturado em dominação, o jogo das representações preexistentes mobilizado no psiquismo, a ativação das zonas erógenas pela atividade de dominação em contato com o objeto adequado constroem a experiência da satisfação; o investimento se estende simultaneamente aos dois registros do aparelho de dominação e das zonas erógenas. Quando o *dispositivo reflexo* de que fala Freud desencadeia o remanejamento interno que leva à descarga, realizando-se assim a experiência de satisfação, assiste-se a um remanejamento econômico: a libido investida em dominação na conquista do objeto reflui para a imagem desse objeto e para a vivência da própria satisfação que ela reforça; a motricidade, o olhar e a sensorialidade são desinvestidos em proveito da própria impressão da satisfação que subsiste no psiquismo: existe uma espécie de remanência da experiência de satisfação que sobrevive às condições de sua emergência, enquanto que toda atividade de dominação é suspensa. Um estado de serenidade propício ao sono sucede à satisfação. O objeto em sua realidade é desinvestido em benefício do objeto interno, constituído graças ao primeiro; o objeto externo se funde na experiência da satisfação segundo o modelo apontado por Valéry (1920, s. p.): “Comme le fruit se fond en jouissance / Comme en délice il change son absence / Dans une bouche où sa forme se meurt [...]”<sup>4</sup> É a assunção de uma representação que toma seu lugar.

No primeiro tempo de investimento do objeto em dominação, forma-se uma espécie de imagem do objeto, uma espécie de contorno sensorial e motor. Quando se cumpre a experiência de satisfação, esses traços, esse desenho, deixados pela atividade de dominação, essa imagem em preto e branco, são integrados no crisol da satisfação e de sua vivência. Combinam-se então com o que aí perdura, tendo-se tecido uma espécie de suporte que fica impregnado delas. O resultado forma uma representação que permanecerá após o esgotamento da experiência

<sup>4</sup> N.T.: Como o fruto se perde em gozo/ Como em deleite ele transforma sua ausência/ Numa boca em que sua forma desaparece.



em si. A representação assim produzida testemunha a união pulsional entre dominação e erogenidade, entre dominação e satisfação. Trata-se ao mesmo tempo de uma representação de objeto e de um representante pulsional, de um *objeto psíquico* que se integra ao tecido psíquico existente. Assim, o registro da satisfação, inicialmente focado no funcionamento das zonas erógenas, estende-se ao mundo dos objetos internos, da fantasia, do fantasiar, do jogo das representações e de todas as gratificações obtidas no registro do prazer relacional e erótico.

## O prazer das representações

Os traços em dominação e a lembrança da experiência de satisfação sustentam-se mutuamente. A evocação de uma representação formada por essa união de atividade e de êxtase traz certo prazer, uma carga libidinal organizada que reproduz, de forma mais branda, mas revivida, uma parte da experiência de satisfação. Quando sente um aumento de sua excitação libidinal, o sujeito recorre, num primeiro momento, às representações que lhe estão disponíveis. De nosso ponto de vista, não se trata da *alucinação da satisfação* propriamente dita, mas da satisfação mnésica, da satisfação representacional. Na verdade, a lembrança proporciona uma satisfação limitada, mas real: um prazer. Esse prazer se esgota, e, depois de certo tempo, o sujeito tem de partir novamente em busca de um objeto de satisfação pelos meios da dominação.

Toda nova experiência de satisfação obtida em sinergia com os investimentos em dominação vem constituir uma nova representação ou reforçar uma representação existente. É legítimo considerar que a satisfação alimenta o psiquismo.

A relação entre os dois registros de investimento e sua concordância na construção de experiências de satisfação articula princípio de prazer e princípio de realidade e permite a instauração de seu jogo recíproco.

Como observamos anteriormente, o aumento da excitação obriga a recorrer à representação, ao tecido formado pelas representações existentes. Isso não significa, contudo, que a *falta* crie a representação; a falta faz emergir as representações, mas estas foram previamente criadas durante a experiência de satisfação. Em contrapartida, supondo-se que fosse possível provocar experiências de satisfação sem qualquer atividade de dominação, elas não produziriam representações e o eu não se desenvolveria. Os tóxicos que oferecem sucedâneos de satisfação sem que os investimentos em dominação de um objeto entrem em cena acabam por acarretar uma dissolução do eu. Por uma via inversa, a ausência



de experiência de satisfação, apesar de uma atividade de dominação eficiente, levaria a um esgotamento do eu, ao seu enfraquecimento, depois da exacerbação dos esforços de dominação ter provocado passagens ao ato violentas, de um modo psicopático que pode chegar ao desenvolvimento de uma *loucura de dominação* destrutiva.

A experiência de satisfação é, então, tal como Freud a concebia: está na própria origem do funcionamento pulsional, na formação das representações, dos objetos internos, do eu, do prazer no funcionamento do eu... □

## Abstract

### **Experience of satisfaction: the crucible of psyche**

The experience of satisfaction was first addressed by Freud in *Project for a scientific psychology*. Freud proposes the idea that, the experience of satisfaction combines two types of images constitutive of the nucleus of the self. The author relates these early Freudian propositions with his theory in which drive – and its related representation – is comprised of a combination of two libidinal formants in *domination* and *satisfaction*, in the very core of the experience of satisfaction.

Keywords: Discharge. Dominance. Investment. Object. Pleasure. Drive. Representation. Erogenous zones.

## Resumen

### **La experiencia de satisfacción: crisol del psiquismo**

La experiencia de satisfacción surge en Freud desde el *Proyecto para una psicología científica*. Freud introduce allí la idea de que esa experiencia combina dos tipos de imagen que pueden constituir el núcleo del yo. El autor articula esas primeras proposiciones freudianas con la teoría sugerida por él según la cual la pulsión – con la representación que le es conexas – está constituida por la combinación de dos *formantes* libidinales, *en dominación y en satisfacción*, en el mismo cerne de la experiencia de satisfacción.

Palabras llave: Descarga. Dominación. Inversión. Objeto. Placer. Pulsión. Representación. Zonas erógenas.



Paul Denis

---

## Referências

- DENIS, P. (1997). *Emprise et satisfaction, les deux formants de la pulsion*. Paris: PUF.
- DEUTSCH, H. (2010). De la satisfaction, du bonheur et de l'extase. *Rev. Franç. Psychanal.*, v. 74, n. 1, p. 39-50.
- FREUD, S. (1895). Esquisse pour une psychologie scientifique. In: *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1905). Trois essais sur la théorie de la sexualité. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1912). Contributions à la psychologie de la vie amoureuse: II Sur le plus général des rabaissements da la vie amoureuse. In: *La Vie sexuelle*. Paris: PUF, 1973. p. 55-65.
- HINSHELWOOD, R-D. *Dictionnaire de la pensee kleinienne*. Paris: PUF, 2000.
- HOUAISS, A. (2002). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, versão 1.0.5a. São Paulo, 2002.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (1976). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- LE GUEN, C. ; BOURDIN, D. ; CHAUVEL, P. (2008). *Dictionnaire freudien*. Paris: Universitaires de France.
- MIJOLLA, A.; et al. (2002). *Dictionnaire international de la psychanalyse*. Paris: Calmann-Lévy.
- VALERY, P. (1920). *Cimetière marin*. Paris: Émile Paul Frères.

Recebido em 27/04/2011

Aceito em 11/05/2011

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

**Paul Denis**

7 rue de Villersexel

75007 Paris

© Paul Denis

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA